

# **VIOLÊNCIA, LAZER E TURISMO NA BAIXADA FLUMINENSE - VERDE**

Violence, Leisure and Tourism in Baixada Fluminense - Verde

**FAUSI KALAOUM<sup>1</sup> & LUIZ GONZAGA GODOI TRIGO<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

A Baixada Fluminense está localizada na região metropolitana da capital do Rio de Janeiro. Apesar da proximidade geográfica, o território, que abriga treze municípios, está mergulhado em um contexto de acumulação histórica e social de violência, mortes, pobreza, subdesenvolvimento e negligência do Estado. O objetivo principal dessa investigação nasce a partir dessa complexidade territorial: diante de território tão violento, qual é a percepção da população baixadense a respeito da violência, lazer e turismo? O método escolhido para esse trabalho é misto entre bibliográfico e estatístico. Dessa maneira, a abordagem escolhida foi a quanti-qualitativa e as seguintes técnicas foram utilizadas: revisão bibliográfica e a aplicação de questionário com amostragem estatisticamente relevante calculada em 385 respondentes válidos. Entre os resultados alcançados por esta pesquisa, pode-se apontar: (1) as violências se manifestam de diferentes maneiras nos territórios; (2) considerável parte dos entrevistados pratica lazer na região e acredita no potencial turístico.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Turismo; Violência; Lazer; Baixada Fluminense; Baixada Verde.

## **ABSTRACT**

Baixada Fluminense region is located in the metropolitan area of the capital of Rio de Janeiro. Despite the geographical proximity, the territory, that contains 13 municipalities, is dipped in a context of social and historical accumulation of violence, murderers, poverty, underdevelopment and State negligence. The main objective of this investigation was born from this territorial complexity: before such violent territory, what is the perception of the population of Baixada Fluminense about violence, leisure and tourism? The chosen method is both bibliographic and statistical. Thus, the chosen approach was qualitative and quantitative and the research techniques were: bibliographic review and online survey with statistically relevant sampling applied to 385 valid respondents. Among the findings, it is possible to point: (1) the violence manifests in different ways in the territory over different historical times; (2) a considerable part of the interviewees practice leisure in the region and believe in the tourist potential.

## **KEYWORDS**

Tourism; Violence; Leisure; Baixada Fluminense; Baixada Verde.

---

<sup>1</sup> **Fausi Kalaoum** – Mestre. Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Lazer, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0725425710734342> E-mail: fausi@usp.br

<sup>2</sup> **Luiz Gonzaga Godoi Trigo** – Doutor. Professor, Escola de Artes, Ciência e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0322089095908308>. E-mail: trigo@usp.br

## INTRODUÇÃO

A região conhecida atualmente como Baixada Fluminense está inserida no território metropolitano do Estado do Rio de Janeiro. Silva (2013) compreende como Baixada Fluminense todo o território originado a partir da fragmentação do antigo município de Iguaçu, dando origem as municipalidades de Queimados, Mesquita, Belford Roxo, Japeri, Nilópolis, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti. A região é reconhecida e estigmatizada como de abandono do poder público, resultando em problemas de infraestrutura básica, mobilidade, saúde, educação e segurança pública. Rodrigues (2018) aponta que a Baixada Fluminense figura no imaginário nacional e, talvez mesmo, no internacional como região caracterizada pelos altos índices de incidências criminais violentas e pela articulação de grupos criminosos organizados e seus respectivos interesses. Esse imaginário se manifesta na ordem prática e cotidiana, por exemplo, quando em 2005, moradores da Baixada Fluminense vivenciaram o terror diante do que viria ser conhecida como a mais cruel e sanguinária chacina da região, na qual 29 pessoas inocentes foram assassinadas em Nova Iguaçu e Queimados, sendo o motivo do massacre o descontentamento de policiais militares com o novo comando militar. Já em 2018, o Atlas da Violência ranqueou, em números relativos, a cidade de Queimados com o maior índice de letalidade violenta do país.

Apesar da estigmatização e realidade de acumulação social da violência, em 2017 a região passou a integrar formalmente o Mapa de Turismo Brasileiro. Dos treze municípios metropolitanos, dez<sup>1</sup> foram integrados no processo turístico, batizado de Baixada Verde, sendo eles: Belford Roxo; Duque de Caxias; Japeri; Magé; Mesquita; Nilópolis; Nova Iguaçu; Queimados; São João de Meriti e Seropédica. A partir de então, respeitando exigências burocráticas, subsecretárias de turismo foram criadas para cada município, além dos conselhos municipais e, finalmente, a Instância de Governança Regional da Baixada Verde [IGR Baixada Verde], com o objetivo de planejar e desenvolver a atividade no local. Também fora criado, com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro [FAPERJ], o observatório de turismo da Baixada Verde, coordenado por professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro do campus Nova Iguaçu. A partir dessa realidade complexa onde coexistem violência e a vontade de desenvolver turismo, delineiam-se dois objetivos desse artigo: (1) Narrar a historiografia da acumulação social da violência na Baixada Fluminense a partir da década de 1950 até os dias atuais. Para tal, utilizou-se materiais bibliográficos, vídeos hospedados no *Youtube*, produções cinematográficas e dados de indicadores de violência na

região; (2) Investigar a opinião pública dos moradores da Baixada, por meio de aplicação de questionário estruturado, sobre violência, turismo e lazer.

Diante do cenário pandêmico, utilizou-se distribuição e coleta exclusivamente digital via Google Forms. Apenas moradores dos dez municípios que compõem tanto a Baixada Verde [região turística], quanto a Fluminense [região administrativa], foram considerados como respostas válidas, sendo o formulário finalizado imediatamente em caso de marcação de outro município. A análise de dados foi realizada no programa estatístico IBM SPSS.

Diante disso, essa pesquisa é classificada como quali-quantitativa e de caráter exploratório. Esclarece-se também que não está entre os objetivos desse artigo a discussão teórica sobre Turismo ou Lazer, mas, debruçar-se, sobretudo na historicidade de acumulação social da violência e como ela pode influenciar nas mobilidades físicas, no próprio lazer e na percepção e reconhecimento da Baixada enquanto um território turístico. A justificativa desse trabalho, por sua vez, ocorre na incipiência de investigações que tratem o turismo na Baixada Fluminense - Verde, visto que o processo de formalização da região turística completou seu quarto ano em 2021. Pesquisas que utilizem o turismo como lente de investigação auxiliam no desvelamento da realidade social e podem contribuir na formação gradual de uma nova realidade.

1075

## REVISÃO DE LITERATURA

Em sua tese de doutorado, Enne (2004) investigou a construção do imaginário e do real da Baixada Fluminense veiculado em quatro jornais de grande circulação em todo o Estado do Rio de Janeiro, foram eles: O Globo; O Dia; Jornal do Brasil; e A Última Hora entre os anos de 1950 e 2000. Na década de 1950, as notícias veiculadas nos jornais sobre a baixada fluminense ainda não eram frequentes e os conflitos violentos ocorriam, principalmente, devido às disputas e posse de terras. A resistência aos despejos foi a forma de conflito e luta, consequentemente culminando em processos violentos, durante as décadas de 1940, 1950 e 1960 (Pedroza, 2010). Isso ocorre graças ao intenso processo de desruralização e loteamento após a decadência do ciclo econômico da laranja na região

A gênese da efervescência da violência estava, inicialmente, associada a atuação de grupos que disputavam as posses de terras (Alves, 1994). Parte desses grupos eram grilheiros e/ou pessoas associadas a empresas que se instalaram pelo território baixadense (Grynsznpan, 1987). Esse processo de decadência **aprofunda** uma onda de urbanização e periferização da Baixada Fluminense em relação ao Rio de Janeiro. Trata-se do aprofundamento – e não da gênese – da

periferização, pois para Alves (1994), a dinâmica centro - periferia Rio de Janeiro - Baixada Fluminense se estabeleceu a partir da década de 1930, ou seja, cerca de vinte anos antes da intensificação de conflitos e do processo urbano. Se na década de 1950 a violência por posse de terra é retratada de maneira tímida pela mídia jornalística, a década de 1960 estabelece contornos definitivos para os conflitos fundiários.

Porém, não apenas nos conflitos fundiários que a violência se estabeleceu. Nas leituras que tratam da violência na Baixada Fluminense, o nome de Tenório Cavalcanti é recorrente. Imigrante do estado de Alagoas, do município de Palmeira dos Índios, Tenório chega na Baixada Fluminense na metade da década de 1920, após o assassinato do seu pai – ocorrido por disputas fundiárias – nas terras nordestinas (Silva, 2010; 2011). Estabelecido no Rio de Janeiro, Tenório passa a montar uma guarda pessoal, sendo em grande parte composta de parentes vindos do norte do país. Não se tratava, no entanto, de um processo de clientelismo, haja vista que nesse período Tenório ainda não iniciara sua carreira política, mas de uma manifestação de assistencialismo com base axiológica afetiva e familiar que resultou em subordinados leais e mitigou o risco de traições. Como consequência direta dessa sistematização de poderio, Tenório Cavalcanti passou a ganhar visibilidade e foi requisitado para realizar a segurança de políticos e figuras poderosas que circulavam pela Baixada, como na ocasião na qual o mesmo foi responsável pela proteção do presidente Washington Luís, ao fim da década de 1920 (Grynspzam, 1987).

Todos esses acontecimentos foram elementos fundamentais para a escalada de Tenório em sua vida política, que ocorreu em 1936, quando este é eleito vereador pela União Progressista Fluminense [UPF], representando o até então distrito de Duque de Caxias e oposição ao governo do estado e ao governo federal, sob a batuta de Getúlio Vargas. Posteriormente, Tenório se afiliaria ao partido União Democrática Nacional [UDN] (Silva, 2011), ação que representou um contraste partidário, isso porque, a UDN era caracterizada como um partido político elitista e anti-populista, ao passo que Cavalcanti jamais abandonou suas raízes sertanejas e construía suas redes de relações sociais e políticas por meio do populismo e do assistencialismo, como mencionado.

A identidade sertaneja de Cavalcanti foi utilizada pela oposição política como forma de munição para enfraquece-lo, como por exemplo, a tentativa de atrela-lo à figura do cangaceiro e a prática que hoje conhecemos como banditismo social. Contudo, como afirmam Grynspan (1987) e Silva (2011), Tenório não poderia ter sua figura reduzida somente ao sujeito violento, apesar de seus

famosos adereços: a capa preta que o cobria de aura mística; o colete a prova de balas e a metralhadora Lurdinha, em vez disso, ele poderia adotar diferentes idiomas que não o da violência, como o do cavalheirismo e o intelectual [Tenório estudaria Direito e inauguraria o jornal próprio: Luta Democrática, que serviria como ferramenta de autopromoção e acúmulo de capital político]. A rivalidade entre Tenório e Amaral Peixoto, além do próprio Getúlio Vargas, resultou em inúmeros episódios de violência ao longo de sua carreira política. O mesmo sobreviveu a inúmeros atentados contra sua vida e teve muitos de seus homens assassinados “em seu lugar”. Tenório carregou ao longo de sua vida a fama de “corpo fechado”, um termo que indicava algum tipo de proteção espiritual ou divina. Essa mística se fortalecia a cada atentado que o político sobrevivia e que acumulava em seu corpo inúmeras cicatrizes de bala.

Pode-se concluir, portanto, que as linguagens utilizadas por Tenório Cavalcanti no acúmulo de capital político e em consequência a sua projeção nacional se deu por duas maneiras: pelo uso da violência – que ocorre graças ao acesso as armas de fogo e a formação de uma armada leal de parentes e amigos oriundos da região Nordeste do País, local de origem do próprio Cavalcanti; e também pelo seu apelo e linguagem populista que versa sobre a defesa às camadas mais pobres de Duque de Caxias e vai contra o elitismo. Esse modus operandi fortificado pelo político alagoense volta a ocorrer na década de 1990, com a reintegração do estado democrático de direito no Brasil.

Já o cenário sociopolítico que antecedeu o golpe militar de 1964 trouxe novas dinâmicas de violência à Baixada. A greve nacional de 5 de julho em 1962 culminou em um levante popular em Duque de Caxias que ficou conhecido como “o grande saque” (Alves, 2002) ou “quebra quebra” (ENNE, 2004). A falta de transportes ocasionados pela paralisação dos trabalhadores resultou no acúmulo de que cerca de 20 mil pessoas aos arredores da linha férrea de Caxias. Somado a isso, acontecia também rumores de um possível desabastecimento de alimentos que poderia engatilhar uma reação popular. É quando alguém em meio à multidão grita, ao apontar para um estabelecimento: “Aqui tem feijão”. Dá-se início, então, ao saque. Milhares de baixadenses invadem estabelecimentos diversos. Ao término do motim, houve 42 mortos, 700 feridos e mais de 2 mil comércios impactados pela ação (Melo, 2016).

O documentário “1962 – O Ano do Saque” traz em sua produção a narrativa de cidadãos que fizeram parte ou foram expectadores do acontecimento. Para eles, a ação não se tratou de um ato de vandalismo ou qualquer tipo de infração – ainda que donos de estabelecimentos tenham sido feridos e mortos pelos populares –, mas uma investida de garantir a própria sobrevivência,

na iminência de falta de alimentos. Enquanto a greve nacional culminaria, futuramente, no golpe de 64; na Baixada Fluminense, o grande saque marcou o início da sistematização de grupos de segurança paraestatais, pagos pelos comerciantes locais para garantir a segurança de seus negócios. Por essa narrativa, inicia-se então a criação dos grupos de extermínios na Baixada Fluminense, processo que altera as relações territoriais e a manifestação da violência no local. A própria recusa do governador Celso Peçanha em fornecer policiais para a Associação Comercial e Industrial de Duque de Caxias surge como elemento contribuinte para a escalada dos grupos de segurança privada.

Com a tomada militar, há também a intensificação de força 'legal' violenta no País e a legitimação e incentivo contra a vida de outrem, sobretudo à perseguição dos grupos classificados como comunistas. Na Baixada Fluminense, o golpe de 64 tem impactos que culminam no rearranjo territorial, sendo esses, em primeira instância, de caráter político que se desdobra no convívio e nas relações sociais. Uma das mais emblemáticas mudanças é a cassação política de Tenório Cavalcanti. Diante da construção da sua carreira populista marcada pela oposição ao governo autoritário de Getúlio Vargas e a partir de 1950 com a investida em políticas de reforma agrária, Tenório passa a ser classificado como um dos suposto comunistas a serem extirpados. Porém, devido à considerável influência e rede de relações com pessoas poderosas, esse, apesar de ter o cargo cassado, não é preso ou torturado. Ainda assim, a queda do deputado nordestino interrompe, temporariamente, a figura de um político popular, que apesar de violenta, é legitimada pelo povo. Essa legitimação do político violento 'salvador' e defensor da classe menos privilegiada é retomada a partir de 1990 – quando o Brasil já possui uma nova constituinte e reassume o Estado Democrático de Direito – com as massivas ondas de emancipações de distritos de Nova Iguaçu. Aqui cabe uma observação pertinente: a ascensão do poderio militar no Brasil não simplifica as relações territoriais, ou seja, não é válido assumir que outras problemáticas e relações conflituosas no território deixam de existir por conta dessa reorganização do tabuleiro. Ao contrário disso, os jogos pela disputa de poder se tornam mais complexos, com tessituras, nós e redes inseridas nas relações, como o próprio conceito de território evoca.

Os conflitos violentos e ondas frequentes de assassinatos transformaram a Baixada em ponto de 'desova', termo popularmente conhecido para o abandono de cadáveres em certas regiões. Belford Roxo e o Rio Guandu se tornaram locais da prática ao longo de 1960-1980 que, por sua vez, revela mais aspectos cruéis da região: o da negligência jurídica e política. O primeiro aspecto, o jurídico pode ser confirmado diante do número crescente de assassinatos não

solucionados. Souza (1980) indica que ao fim de década de 1970 havia cerca de 4.100 processos de homicídio e tentativa de homicídio à espera de julgamento, sendo 1.600 de autoria desconhecida. Com a capacidade da época de realização de júris [em média três por semana], todos os processos levariam quase vinte anos para serem julgados, sem levar em consideração que novos crimes contra a vida fossem cometidos. A falta de solução não ocorre apenas pelo imenso volume de homicídios, que põe em evidência a limitação da capacidade de atuação jurídica do Estado. Contudo, um olhar mais atento revela uma condição ainda mais cruel: a negligência política. Desde que parte desses assassinatos são produtos da atuação dos Esquadrões da Morte, que em primeira instância são contratados para manter a “segurança” da região, há um jogo político que roda as suas engrenagens para manter em funcionamento um ciclo de impunidade. Nesse momento, considerável parte dos membros desses esquadrões são integrantes de grupos militares, o que explica o ciclo de casos não resolvidos ou com decisão em favor dos réus.

**Tabela 1. Crimes cometidos pelos Esquadrões da Morte na Baixada Fluminense 1963-1975 de acordo com o Jornal do Brasil**

Anos	Nova Iguaçu	Belford Roxo	Mesquita	Queimados	Total
1963	3	1	0	0	4
1964	7	1	0	0	8
1965	13	4	2	0	19
1966	12	3	2	1	18
1967	17	2	1	3	23
1968	17	17	2	6	42
1969	8	37	2	3	50
1970	11	23	0	4	38
1971	22	25	5	2	54
1972	15	21	5	22	63
1973	15	44	7	20	86
1974	72	82	12	33	199
1975	11	11	5	6	50
<b>Total</b>	<b>233</b>	<b>288</b>	<b>43</b>	<b>100</b>	<b>654</b>

Fonte: Alves, 2020

A situação se tornou tão grave que, por vezes, foram necessários caminhões de lixo para retirar os corpos que se ‘multiplicavam’ (Souza, 1980, Alves, 2020). Um ponto crítico da realidade era que nem todas as vítimas eram encontradas. Estudos baseados em entrevistas com moradores antigos apontam formas alternativas de ‘sumir’ com os cadáveres: alimentar porcos com eles; e a desova em rios eram as práticas mais comuns. Entre 1970 e 1976, o Jornal da Tarde estimou em cerca de 504 homicídios causados pelos esquadrões. Já nos arquivos da polícia, cerca de 900

mortes não resolvidas. Enquanto isso, o Jornal do Brasil publicava, em 28 de setembro de 1975, um documento que apontava 490 execuções, algo bem próximo aos 504 [de 1970 à 1976] informado pelo Jornal da Tarde e contrariando o discurso de Faria Lima que a Baixada não era “nada disso”:

As eleições para o governo do estado em 1990 resultaram no retorno de Lionel Brizola (1991-1994) e na nova década, a retomada na formulação de políticas públicas de segurança pública e de combate aos esquadrões da morte na BF. A eleição do governador do Partido Democrático Trabalhista [PDT] marcou uma nova moralidade dos agentes de estado que resultou na criação do Departamento Geral de Polícia da Baixada, comandada por Hélio Luz. A atuação de Luz foi fundamental na reestruturação do sistema ao substituir os dezesseis delegados da Baixada por nomes de sua confiança, ademais, também foram criados o Serviço de Homicídios da Baixada e o Centro de Denúncias de Grupos de Extermínio. As reduções de homicídios lograram efeito, porém em curto prazo apenas. Com a renúncia de Luz em 1992, os anos seguintes trariam, novamente, a ascensão da letalidade violenta na região (Alves, 2020). É também a partir de 1990 que as políticas de combate à violência e às facções criminosas na cidade do Rio de Janeiro refletem diretamente no território baixadense: como se não bastasse toda a complexidade homicida, soma-se agora a entrada de traficantes em favelas e bairros pobres de algumas cidades da BF, como em Duque de Caxias e São João de Meriti e a ascensão das milícias.

As milícias ganharam destaque no Estado do Rio de Janeiro em 2006, quando o termo foi cunhado para descrever grupos de agentes do Estado armados [em geral policiais, bombeiros e outras categorias com acesso à arma de fogo] que ‘vendiam’ serviços de proteção em troca de pagamentos de comerciantes e da população (Cano, 2012). Por essa narrativa, o objetivo primeiro desses grupos seria o de combaterem em territórios dominados pelas facções de Narcotráfico - nesse momento histórico, os já estabelecidos Comando Vermelho [CV], Terceiro Comando Puro [TCP] e Amigo dos Amigos [ADA] - e alcançar a paz e a segurança da população local. Milícias são formações de grupos com novas dinâmicas de atuação, sendo um novo elemento inserido no jogo da violência do estado do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, da Baixada Fluminense.

Quanto ao argumento da cruzada e guerra contra o tráfico, o estudo de Cano (2012) sobre a Comissão Parlamentar de Inquérito das Milícias, requerida pelo Deputado Marcelo Freixo em fevereiro de 2007, conclui que o controle desses grupos em comunidades e favelas do Rio de Janeiro oscilava entre 81 e 171. Dessas, 119 jamais tinham pertencido à alguma facção

criminosa. Decerto, não é tarefa fácil precisar quando esses grupos começam a se articular na região baixadense. Para ilustrar: enquanto a mídia jornalística publicou matérias sobre as milícias apenas em 2005, o livro de Manso (2020) aponta que em 2002 os esquemas de extorsões já ocorriam em favelas e comunidades da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Fato é que a pesquisa de Cano (2012), ao analisar geograficamente as ligações do disque denúncia e do disque milícia, obteve resultados que indicavam a atuação desses grupos na Baixada Fluminense:

**Tabela 2. Denúncias contra as milícias no Rio de Janeiro e na Baixada entre 2006-2011**

Município	Número de denúncias entre 2006- 2011	Frequência no universo total em %
Rio de Janeiro	32.809	79%
Duque de Caxias	2.434	5,9%
Nova Iguaçu	1762	4,2%
Belford Roxo	819	2%
São João de Meriti	619	1,5%
Nilópolis	345	0,8%
Mesquita	247	0,6%
Magé	237	0,6%
Queimados	166	0,4%
Seropédica	152	0,4%
Japeri	54	0,1%

Fonte: baseado em Cano (2012, p.30)

No ano de 2008, o Governo de Estado do Rio de Janeiro deu início ao projeto da Secretária Estadual de Segurança das Unidades de Polícia Pacificadoras, ou como seriam popularmente conhecidas a partir de então: as UPPs. Esse projeto consistiu na tentativa e considerável êxito da tomada de territórios que até então estivera em poderio dos grupos de narcotráfico e contou com esforços dos governos municipais, estaduais e federais e o suporte da “tropa de elite” da polícia, o Batalhão de Operações Policiais Especiais do Rio de Janeiro, o BOPE. A estratégia desse programa ocorreu da seguinte maneira: a primeira etapa consistiu na entrada do território e na captura/expulsão dos bandidos que ali habitavam (ao menos em campo de discurso, era essa a ideia que foi passada); em seguida, seriam instaladas infraestruturas físicas onde os policiais atuariam dia e noite.

Há estudos como de Miagusko (2016) que tentam criar uma relação da implementação das UPPs com o aprofundamento migratório das facções de narcotráfico para o território da Baixada. Aqui cabem duas intervenções: O trabalho de Maia (2018) conclui que a UPP foi pensada para fracassar, não para promover uma pacificação nos territórios dominados pelos grupos

paraestatais, menos ainda uma reestruturação sistemática da polícia militar em direção à uma atuação comunitária. Com a falência do Estado do Rio de Janeiro, o resultado aponta para uma expansão dos territórios das facções criminosas, o inverso do esperado. Em segundo lugar, usa-se o termo ‘aprofundamento’ para descrever um processo que não é inédito nas cidades da baixada. Miagusko (2016) indica que é a partir de 1990 que ocorre a entrada de drogas mais rentáveis, como a cocaína e que como consequência do aumento exponencial dos lucros, intensificou o tráfico de drogas na região baixandense: “os anos de 1990 coincidem com o crescimento de tráficos de drogas e a entrada de armamento pesado na região” (Miagusko, 2016, p.8).

As peças do xadrez foram renovadas: no lugar de Esquadrões da Morte, os novos protagonistas da violência urbana na Baixada eram os diferentes grupos de milícias e as facções, sendo as principais o Comando Vermelho e o Terceiro Comando Puro. Essa disputa mortífera pelos controles dos territórios inauguraria novo e inédito capítulo de mortes na região. Queimados lideraria um ranking maldito: 120,39 mortes por cem mil habitantes. A Tabela 3 compila índices de letalidade violenta relativa dos municípios da BF e do Rio de Janeiro, entre 2010 e 2016, relatadas no Atlas da Violência do IPEA:

**Tabela 3 - Compilação de índices de letalidade violenta da Baixada Fluminense e do Rio de Janeiro entre os anos de 2010-2016**

Município/ Ano	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Belford Roxo	45,82	37,92	36,03	51,51	51,52	44,27	47,15	56,8
Duque de Caxias	56,02	47,26	44,98	47,37	47,47	33,76	43,18	62,9
Japeri	52,42	35,26	35,96	47,77	58,50	65,09	85,52	65,00
Magé	32,87	39,31	36,87	35,71	58,21	40,46	50,36	66,5
Mesquita	46,91	25,45	23,00	31,73	38,13	42,17	39,18	53,8
Nilópolis	40,00	55,16	46,21	51,80	73,91	44,85	60,01	69,00
Nova Iguaçu	42,00	36,04	40,29	49,33	53,21	42,72	44,27	60,9
Queimados	32,62	36,64	37,04	38,80	71,47	59,88	120,39	115,6
São João de Meriti	38,31	30,91	32,39	35,16	52,31	40,81	47,12	55,1
Seropédica	25,58	24,00	27,45	33,23	64,56	38,60	27,49	...*
Rio de Janeiro	29,53	23,41	20,95	20,39	21,90	22,30	25,82	35,6

Fonte: baseado em IPEA. \*\*Dados não fornecidos no Atlas da Violência

Entretanto, nem tudo é tragédia na Baixada Fluminense. A tentativa da mudança de imagem pejorativa da BF [abandonada, pobre, violenta, subdesenvolvida] não se configura como um acontecimento recente. Souza (1980) já indicava esse movimento entre o fim de 1970 e o início de 1980 citando, como exemplo, a existência de Institutos de Ensino Superior e celebridades

intelectuais locais, que marca um contraste e complexidade territorial [elementos positivos e negativos coexistindo].

A institucionalização da Baixada Verde, em 2017, também representa um acontecimento que tenta mudar esse estigma da região. Em pesquisa recente, Kalaoum e Trigo (2021) buscaram investigar com atores estratégicos – sobretudo o que ocupam lugar de decisão na gestão pública municipal – sobre as motivações e entraves para o desenvolvimento do projeto; entre os achados estão que a escolha do ‘Verde’ tem relação com vastidão de Mata Atlântica preservada na região, mas para além, a cor indicada também representa a vida, criando um contraste dicotômico com o imaginário de violência e morte da Baixada e que reitera essa tentativa de mudança. Ainda nessa pesquisa, é indicado que, dentro da esfera política, a violência é um dos elementos limitantes, mas não o principal, sendo este, a falta de vontade política dos poderes executivo e legislativo, sobretudo em escala municipal. Entretanto, a pesquisa de Kalaoum e Trigo (2021) não focou na opinião pública, limitando seu objeto de investigação apenas no campo político. Logo, esse trabalho representa um avanço das investigações sobre o turismo na Baixada Verde/ Fluminense.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa que se fundamenta em uma abordagem quanti-qualitativa com tipologias de pesquisa descritiva e avaliativa (Veal, 2011). As técnicas utilizadas na elaboração desse artigo foram: revisão bibliográfica, sobretudo no que tange a violência urbana do estado do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense, compondo assim a revisão teórica textual.

A seção de discussão e resultados foi pautada na aplicação de questionário online, hospedado no Google Forms. O objetivo da aplicação dessa técnica foi a identificar a percepção dos baixadenses sobre violência, lazer e turismo. A escolha de distribuição integralmente virtual por meio da ferramenta Google Forms, aconteceu diante do cenário pandêmico que impossibilitou a ida a campo. Para definir a amostra estatisticamente relevante, foi utilizada a calculadora do site SurveyMonkey. As três variáveis a serem preenchidas foram: tamanho da população; grau de confiança da pesquisa; e margem de erro.

De acordo com o Painel Regional da Baixada Fluminense produzido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [Sebrae], a população dos dez municípios tinha, aproximadamente, 3.517.000 habitantes em 2015. O grau de confiança de uma pesquisa representa a quantidade de vezes que essa pesquisa pode ser repetida, adotando os mesmos

critérios, e apresentando os mesmos resultados, para essa investigação, optou-se por confiabilidade de 95%; finalmente, a margem de erro de 5%, que indica que a margem de resultado pode ser de 5% para mais ou para menos. Dessa maneira, a amostra indicada foi de 385 respondentes.

Buscando mitigar o erro amostral, o questionário foi dividido em duas seções dependentes entre si, sendo a primeira pergunta 'Cidade que reside', apesar das dez opções fechadas [uma para cada município da Baixada Fluminense – Verde], foi também incluído a opção 'outro' que, ao ser selecionada pelo respondente, encerrava o questionário automaticamente. No total, 414 pessoas responderam ao questionário, sendo 29 de outras cidades, o que representa 7% do total respondente. Ressalta-se que graças ao mecanismo de encerramento automático ao obter uma resposta insatisfatória, a amostra (n=385) não foi comprometida e as perguntas posteriores não foram respondidas pelos 29 moradores não desejados. Para a formulação das outras perguntas, foram utilizadas duas diretrizes distintas: a condição socioeconômica dos respondentes, como sexo<sup>ii</sup>, idade, renda familiar etc.; e sobre a percepção e opinião da violência, turismo e lazer. O programa estatístico utilizado para realizar as análises foi o SPSS e a representação dos dados foi por meio de frequências.

1084

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Considerações mais desatentas sobre o turismo na Baixada podem ser comparadas, ingenuamente, com o processo de turistificação das favelas cariocas. Mas talvez, nem mesmo o possível 'elemento em comum' [leia-se violência] entre as favelas e a Baixada Fluminense estão no mesmo nível comparativo. Primeiramente, as centenas de favelas do Rio de Janeiro têm formações em períodos diferentes, e, portanto, suas acumulações históricas são distintas. Essa observação desemboca em uma lógica: é impossível supor que todas as favelas sejam iguais, tanto nos níveis de violência, quanto nos fluxos e produtos turísticos.

Diferentemente das favelas, que a acumulação violenta homicida se intensificou com a inserção do Brasil nas rotas internacionais de cocaína, a Baixada já apresentava nesse momento um robusto histórico violento, além da própria condição subalterna dos moradores de periferia-centro, que força um movimento pendular apoiado na lógica do trabalho e reduz a qualidade de vida e a autoestima baixadense. Não é incomum encontrar comentários em redes sociais minimizando políticas públicas voltadas ao turismo, esporte, cultura e lazer na região. Outro aspecto a ser considerado é a localização geográfica dessas favelas turísticas cariocas: bem

próximas aos cartões postais da capital, como Cristo Redentor, Pão de Açúcar e as muitas praias, como do Leblon, Arpoador, Copacabana. Portanto, esse trabalho nega um contexto comparativo entre favelas e baixada, no que tange a violência e a atividade turística.

Baseado no argumento acima e também na escassez de trabalhos quantitativos que entrelacem violência e turismo na baixada, um questionário foi desenvolvido no *Google Forms* e distribuído virtualmente. A amostra alcançada foi significativa estatisticamente (n=385) e o objetivo da aplicação dessa técnica foi medir a percepção dos moradores da Baixada Fluminense/Verde acerca da violência, turismo e lazer. Dessa maneira, o questionário se divide em uma caracterização socioeconômica e a investigação dos objetivos propostos. A tabela 4 indica a frequência de respondentes para cada município que integra a Baixada Verde.

**Tabela 4. Local de residência dos respondentes**

		Frequência	Porcentagem
Válido	Queimados	69	17,9
	Nova Iguaçu	129	33,5
	São João de Meriti	27	7,0
	Belford Roxo	21	5,5
	Mesquita	25	6,5
	Nilópolis	25	6,5
	Duque de Caxias	25	6,5
	Seropédica	23	6,0
	Magé	8	2,1
	Japeri	33	8,6
	<b>Total</b>	<b>385</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria (2022).

Outras indagações dizem respeito à cor de pele e escolaridade. Os resultados obtidos foram:

**Tabela 5. Cor de pele**

		Frequência	Porcentagem
Válido	Branca	180	46,8
	Parda	136	35,3
	Preta	67	17,4
	Amarela	1	,3
	Indígena	1	,3
	<b>Total</b>	<b>385</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria

**Tabela 6. Escolaridade**

		Frequência	Porcentagem
Válido	Ensino fundamental incompleto	1	,3
	Ensino fundamental completo	1	,3
	Ensino médio incompleto	10	2,6
	Ensino médio completo	79	20,5
	Ensino superior incompleto	122	31,7
	Ensino superior completo	81	21,0
	Pós-graduação incompleta	22	5,7
	Pós-graduação completa	69	17,9
	<b>Total</b>	<b>385</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração própria

Respeitando a autoafirmação da cor de pele e um rigor metodológico, a formulação dessa pergunta foi mista [fechada e aberta], com a opção 'outro' para que os respondentes pudessem ter a liberdade de autoidentificação. Por isso, a escolha de manter as respostas 'amarela' e 'índigena'. No que diz respeito à formação escolar dos entrevistados, nota-se uma grande porcentagem entre os estratos 'ensino médio completo', 'superior incompleto' e 'superior completo', juntos, esses somam 72,2% da amostra. Uma possibilidade desse resultado é a utilização da internet como único canal de distribuição desse questionário diante do cenário pandêmico. Para finalizar o perfil socioeconômico, foi questionada a renda familiar:

1086

**Tabela 6. Renda familiar**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Menos 1 salário mínimo	32	8,3	8,3	8,3
	Entre 1 e 3 salários	197	51,2	51,2	59,5
	Entre 4 e 7 salários	112	29,1	29,1	88,6
	Entre 8 e 11 salários	29	7,5	7,5	96,1
	Acima de 11 salários	15	3,9	3,9	100,0
	<b>Total</b>	<b>385</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Elaboração própria

Apesar de algumas mudanças na economia da Baixada, como a expansão do distrito industrial de Queimados, a inauguração de grandes hotéis, e localização de uma refinaria da Petrobrás em Duque de Caxias, que impulsiona consideravelmente o Produto Interno Bruto da cidade, mais da metade da amostra afirmou viver com renda familiar entre 1 e 3 salários mínimos. Surpreende também o dado de que 8,3 por cento da amostra possui menos de um salário mínimo como renda familiar, o que expõe condições de extrema pobreza persistente na BF.

Os resultados das perguntas apresentados daqui em diante se relacionam com as percepções de violência e considerações acerca do turismo e lazer na região. Optou-se por adotar respostas em Escala Likert com opções de respostas entre 3 e 5 escalas a depender da pergunta. A escolha dessa ferramenta em detrimento às perguntas dicotômicas (sim e não) diz respeito à uma tentativa de alcançar diferentes níveis de intensidade e opiniões, respeitando assim uma complexidade territorial que não deve ser simplificada em sim e não. A primeira pergunta dessa segunda seção diz respeito a percepção do duo segurança/violência na Baixada Fluminense:

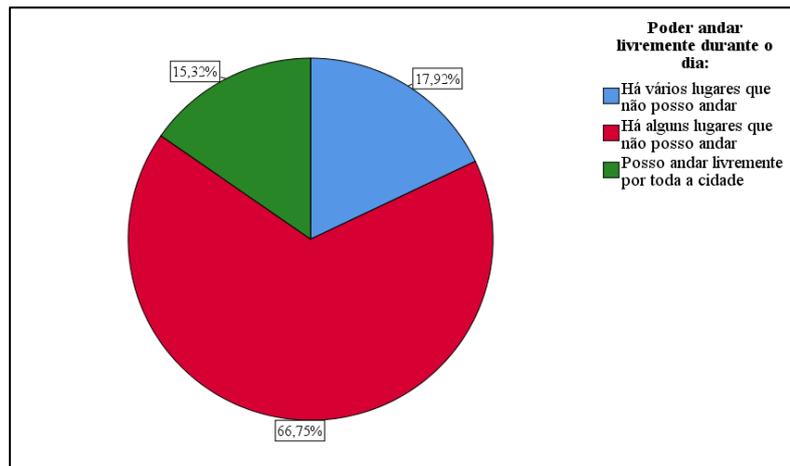
**Tabela 7. Percepção dos moradores sobre a segurança/violência na Baixada Fluminense:**

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Muito perigosa	75	19,5	19,5	19,5
	Perigosa	213	55,3	55,3	74,8
	Normal	95	24,7	24,7	99,5
	Segura	2	,5	,5	100,0
	<b>Total</b>	<b>385</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Elaboração própria

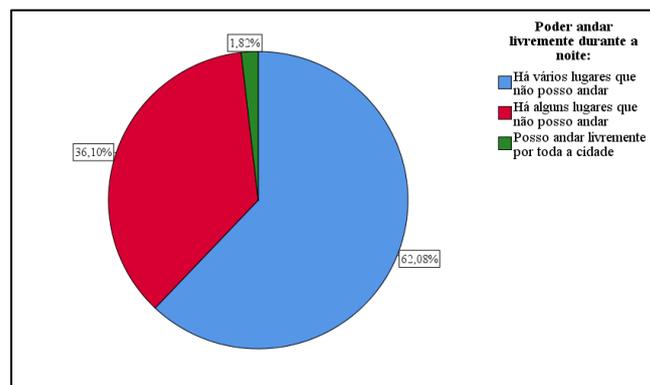
Ainda que a pergunta acima tenha utilizado uma escala de 5 pontos, o quinto valor 'muito segura' não obteve respostas. Já a escala 'segura' representa apenas 0,5% da amostra, o que reforça que mesmo nos dias atuais, a região da BF/BV é percebida pelos próprios moradores como lugar perigoso. As duas escalas negativas 'muito perigosa' e 'perigosa' somam 74,8% da amostra. As próximas perguntas que seguem questionam aos moradores sobre a percepção de mobilidade física urbana e territorialidades percebidas em diferentes turnos do dia, são elas, respectivamente: Sobre poder andar livremente pela sua cidade **durante o dia**; e sobre poder andar livremente pela sua cidade **durante a noite**:

**Gráfico 1. Sobre poder andar pelas cidades livremente durante o dia**



Fonte: Elaboração própria

**Gráfico 2- Sobre poder anda pelas cidades livremente durante a noite**

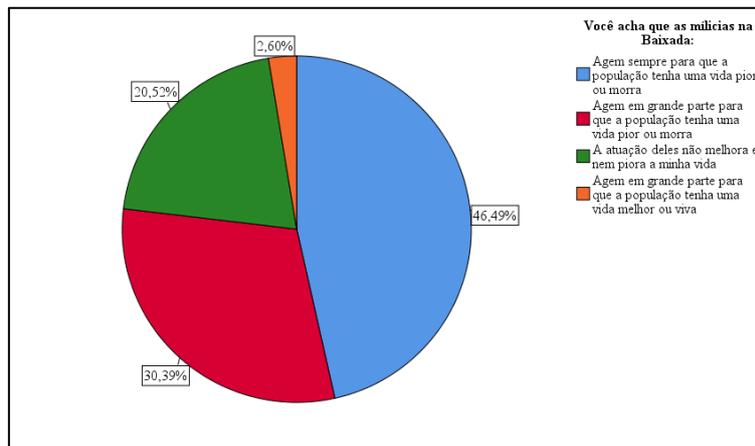


Fonte: Elaboração própria

Os resultados acima comprovam uma reterritorialização extrema nas cidades da Baixada entre os turnos diurnos e noturnos. Se durante o dia, cerca de 15% dos entrevistados se sentem confortáveis em circular por todos os territórios das cidades, esse número cai significativamente durante a noite [menos de 2%], revelando uma relação de medo e de imobilidade física. Apesar desse questionário não ter indagado os motivos que contribuem para essa imobilidade, é plausível supor que a violência é o principal indicador dessa mudança.

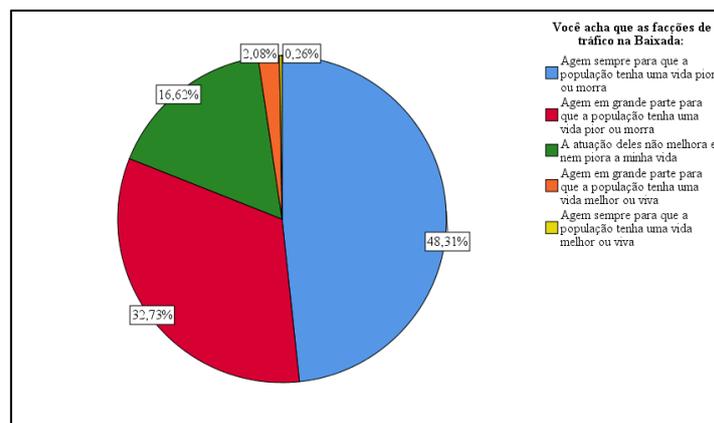
Questionou-se a percepção dos moradores em relação aos grupos que se confrontam nos territórios cotidianamente, sendo eles as milícias e facções de narcotráfico. Essas perguntas, com escala de 1 a 5, tiveram o objetivo de identificar se as políticas [para-institucionais] impostas por esses sujeitos contribuem para a vida ou a morte dos cidadãos.

**Gráfico 3. Percepção dos moradores sobre as milícias**



Fonte: Elaboração própria

**Gráfico 4. Percepção dos moradores sobre as facções de narcotráfico**



Fonte: Elaboração própria

Os resultados desvelam uma percepção deteriorada sobre a segurança pública dos baixadenses. Sobre as milícias, não houve nenhuma resposta no valor 5 da escala utilizada [agem sempre para que a população tenha uma vida melhor ou viva] e apenas 2,6% legitimam boas intenções desse grupo. Em contraste, mais de 76% acreditam na ‘necroatuação’ desses grupos. Esse resultado é interessante, pois, parece indicar que o movimento de legitimação de matadores e Esquadrões da Morte, sobretudo entre 1970 à 1990 parece ter enfraquecido. As milícias, de acordo com os resultados obtidos aqui, já são percebidas como organizações que colocam em risco a vida do baixadense.

No que diz respeito às facções de tráfico de drogas, nota-se uma percepção negativa ainda maior: 81% dos entrevistados as vem como grupos que agem em prol do malefício, enquanto 2,34% consideram que os traficantes, de alguma maneira, agem na melhora de condição de vida

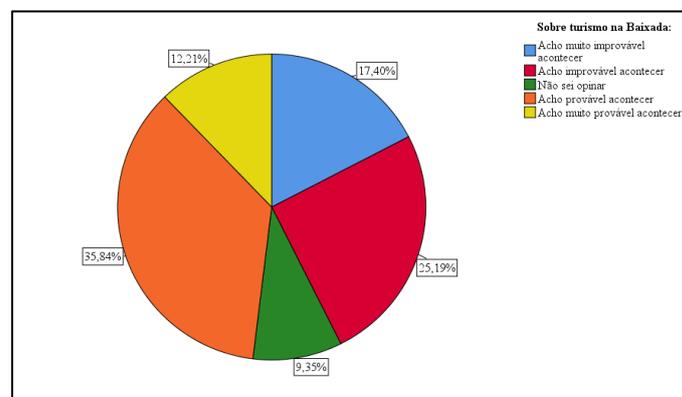


“Deveria ser mais trabalhada a nível turístico.”

“Precisa de muitas melhorias, principalmente transporte e área de lazer.”

As considerações reforçam a contradição existente no território: a visão negativa dos grupos paraestatais que dominam o território e que agem contra a população, ao mesmo tempo em que veem um potencial não trabalhado, a necessidade de melhoria dos transportes, do lazer e do potencial turístico. Essa é a deixa para apresentar os resultados das duas últimas perguntas do questionário que se relacionam com o turismo e lazer na região. A primeira delas foi ‘sobre o turismo na Baixada Fluminense – Verde’ e também utilizou uma escala de 5 pontos:

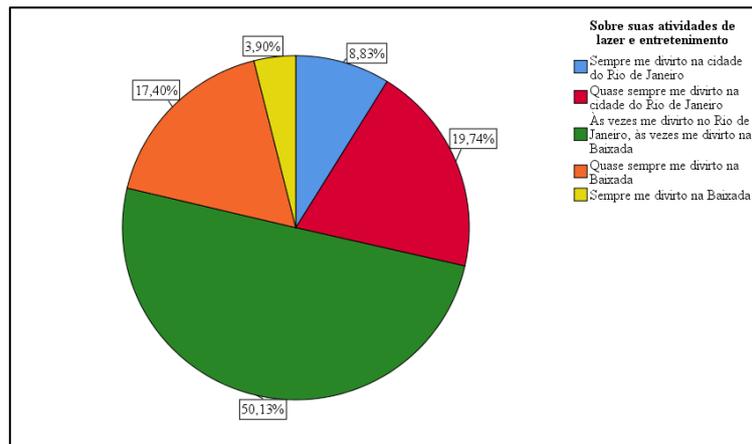
**Gráfico 5. Sobre turismo na Baixada Fluminense - Verde:**



**Fonte:** Elaboração própria

Ainda que haja uma persistência da imagem pejorativa da região, essa pesquisa aponta um contraponto, - realçando a complexidade da realidade relacional - que acredita em novas possibilidades que possibilitam reorganizar a imagem e o imaginário da Baixada. Essa semântica positiva se manifesta em mais de 48% dos entrevistados que acreditam ser possível promover turismo na região. Quando questionados sobre onde realizam suas atividades de lazer e entretenimento, a resposta obtida foi a seguinte:

**Gráfico 6. Onde são realizadas as atividades de lazer e entretenimento**



Fonte: Elaboração própria

Aqui também foi adotada uma escala de 5 pontos, na qual a intermediária (n=3) representou o meio termo “às vezes me divirto no Rio de Janeiro [capital], às vezes na Baixada Fluminense”, sendo essa a resposta mais recorrente, com 50,13% das respostas. Os valores 1 e 2 representam aqueles que majoritariamente se divertem na capital e somam 28,57% da amostra, enquanto os valores 4 e 5 representam aqueles que se divertem mais na BF, 21,3%. Nota-se que não há grande discrepância entre essas porcentagens, o que evidencia uma Baixada como território de lazer, entretenimento e [por que não?] turismo.

É evidente que a acumulação histórica, consequência da negligência política, contribuiu para a persistente imagem e imaginário (ambos reais) de uma baixada extremamente violenta e subdesenvolvida – os próprios indicadores da letalidade violenta corroboram com essa afirmação -, mas um lugar, em detrimento de um não lugar, qualquer que seja esse, extrapola apenas um aspecto da realidade. A política de institucionalização da Baixada Verde representa uma recente e nova dobra política na história da Baixada. Ainda causa estranhamento em muitos. Desconforto. Desconfiança política. Afinal, são mais de 42% que desacreditam da iniciativa:

*“secretaria de turismo é cabide de emprego.”*

*“turismo na baixada???”*

*“em vez de dinheiro com turismo, tem que investir em segurança e saúde”.*

Essas são falas recorrentes <sup>iii</sup>em mídias sociais que noticiam a política institucional de turismo na baixada e ajudam a construir provocações para pesquisas futuras: quais são as políticas públicas de turismo na baixada e quais tem sido seus resultados? ; como tem sido o processo e

quais os atores sociais envolvidos na governança regional da Baixada Verde?.

## CONCLUSÃO

A região da Baixada Fluminense, localizada na região metropolitana da capital Rio de Janeiro, é reconhecida e retratada como local de extrema pobreza, subdesenvolvimento e violência. Essa acumulação social da violência tem base histórica e se manifesta de diferentes formas no território a depender dos atores e relações sociais que os compõem. Por exemplo, enquanto as décadas de 1950 e 1960 são marcadas por conflitos fundiários, as décadas de 1970 até 1990 são conhecidas pela escalada de atuação Esquadrões da Morte e a crescente na letalidade violenta. Com a chegada do século XXI, há rearranjos e chegadas de novos grupos violentos na Baixada. Os Esquadrões da Morte perdem força de atuação, mas grupos denominados milícias passam a dominar os territórios. Com a implementação da Polícia Pacificadora nas favelas da capital, facções de tráfico como Comando Vermelho e Terceiro Comando Puro realizam fluxos migratórios para esses territórios já ocupados. O resultado foi o conflito inevitável e em 2016, Queimados teve o maior índice relativo de letalidade violenta de todo o Brasil, como indicado pelo Atlas de Violência de 2018.

Em 2017, no entanto, uma construção política oficializa a região turística da Baixada Verde, integrando dez dos treze municípios da Baixada. Pesquisa anterior aponta que, dentro do espectro político, o principal entrave para o desenvolvimento institucional da BV se encontra na falta de vontade política dos poderes legislativos e executivos, com ênfase na escala municipal [vereadores e prefeitos]. A resistência política de desenvolver políticas públicas de turismo e lazer pode impactar, inclusive, na alteração dessa realidade histórica pejorativa. Baseada nessa realidade complexa, essa investigação buscou relacionar tema da violência e do turismo na região e entender a percepção dos moradores da Baixada por meio de aplicação de um questionário.

Enquanto o trabalho de Kalaoum & Trigo (2021) focou no cenário político, ou seja, na percepção dos atores que compõem a arena política institucional e a percepção deles sobre a criação e dificuldades de alavancar o projeto da Baixada Verde, essa pesquisa focou na construção historiográfica de acumulação social da violência e a opinião pública da população da região, entrelaçando os temas da violência, turismo e lazer. Os principais achados dessa investigação indicam que: (1) a acumulação da violência em território baixadense é o resultado de um processo histórico e que as manifestações de atentado contra a vida de outrem ocorrem em

dinâmicas e tempos diferentes; (2) em segundo lugar, indica que a população da baixada apresenta restrições às mobilidades físicas por conta de um processo de reterritorialização nos turnos dia/noite; (3) há também a impressão que grupos paraestatais agem em prol da morte da população, pois, considerável parte dos respondentes acredita que milicianos e integrantes de facções de tráfico agem para que a população tenha um vida pior ou morra; 4- por fim, essa pesquisa identificou que há uma dicotomia na Baixada: apesar da imagem e imaginário violentos, os respondentes acreditam que é possível realizar turismo local, além de considerável parte praticar lazer no próprio território. Isso enfatiza a complexidade territorial, onde violência histórica e possibilidade (e realidade) de lazer e turismo coexistem.

Ainda em tempo: por ser uma região estigmatizada, ainda são poucos os trabalhos que se utilizam como ótica de investigação e análise o turismo e lazer. Sendo esse artigo um esforço científico de construir um arcabouço científico no que tange tal tema relacionado à região. Os desafios são grandes, porque a acumulação e perpetuação histórica da violência afeta também a autoestima da população, como foi possível comprovar por meio da nuvem de palavras apresentada, por outro lado, há ‘esperança’, ‘lar’ e ‘potencial’. É pouco provável que o turismo em curto prazo consiga reverter as mazelas da Baixada, mas parece ter surgido como possível alternativa na mitigação dessas.

1094

## REFERÊNCIAS

- Alves, J. C. S. (1994). *Baixada Fluminense: A Violência na Construção do Poder*. Tese, Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, Brasil. [Link](#)
- Alves, J. C. S. (2002). Violência e política na Baixada: o caso dos grupos de extermínio. In: *Impunidade na Baixada Fluminense*, pp. 21-31. [Link](#)
- Alves, J. C. S. (2020). *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*. Riode Janeiro: Consequência.
- Cano, I., & Duarte, T. (2012). *No sapatinho: a evolução das milícias no Rio de Janeiro 2008-2011*. Fundação Heinrich Boll. [Link](#)
- Enne, A. L. S. (2004). Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. *Ciberlegenda*, 14(2), 1-26. [Link](#)
- Grynszpan, M. (1987). *Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-1964)*. Dissertação, Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. [Link](#)
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2021). *Atlas da Violência*. [Link](#)
- Kalaoum, F., & Trigo, L. G. G. (2021). A região turística da Baixada Fluminense (RJ): entre o verde e a violência. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, 15(2), 1-19. [Link](#)

- Maia, L. M. (2018). *UPP Social no PPG: um jogo de letras (Unidade de Política Pública Social no Pavão-Pavãozinho e CantaGalo: análise de um Programa Social)*. Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil. [Link](#)
- Manso, B. P. (2020). *A República das Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia.
- Melo, D. B. (2016). A primeira greve nacional da classe trabalhadora brasileira: 5 de julho de 1962. *Revista Mundos do Trabalho*, 8(16) 131-147. [Link](#)
- Miagusko, E. (2016). Circulação, violência e mercado político na Baixada Fluminense. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(9), 1-15. [Link](#)
- Pedroza, M. (2010). Sanear, despejar, resistir: revisitando o debate sobre a luta pela terra nos sertões cariocas e na Baixada Fluminense nas décadas de 1940 e 1960. *Ruris*, 4(2), 105-135. [Link](#)
- Rodrigues, A. L. (2018). Homicídios na Baixada Fluminense: Estado, mercado, criminalidade e poder. *GEO UERJ*, 31, 104-127. [Link](#)
- Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Rio de Janeiro - Sebrae. (2016). *Painel Regional Baixada Fluminense I e II*. [Link](#)
- Silva, C. A. S. (2011). *O espaço de Tenório Cavalcanti no campo político do Rio de Janeiro*. In: *Anais... Seminário Nacional do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo*. [Link](#)
- Silva, C. S. (2010). Luitgarde Cavalcanti Barros: depoimento sobre Tenório Cavalcanti. *Revista Intratextos*, 2(1), 1-19. [Link](#)
- Silva, L. H. P. (2013). De recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: leitura de um território pela história. *Recôncavo: Revista de História da Uniabeu*, 3(5), 47-63. [Link](#)
- Souza, P. (1980). *A Maior Violência do Mundo: Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Traço.
- Veal, A. J. (2011). *Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo*. São Paulo: Aleph.

---

#### NOTAS

<sup>i</sup> Guapimirim, Itaguaí e Paracambi já integravam outras regiões turísticas do Mapa e por isso não fazem parte da Baixada Verde.

<sup>ii</sup> Optou-se pela palavra “sexo” em vez de gênero por esse trabalho não ter relação com discussão de gênero. Também para evitar confusão dos respondentes, visto que o único canal de distribuição foi o online.

<sup>iii</sup> A netnografia não foi utilizada como método. Esses comentários são vistos em observações casuais, não sistemáticas.

#### PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 08 DEZ. 2021

Aceito: 17 SET. 2022